

## **Negros no futebol brasileiro: olhares e experiências de dois jornalistas brancos.**

Marcel Diego Tonini\*

**Resumo:** Fruto de uma pesquisa que procura estudar o negro em suas manifestações sociais no futebol brasileiro, entre 1970 e 2010, este trabalho traz as visões e as experiências de dois jornalistas brancos: Juca Kfourri e Celso Unzelte. Valendo-me do conjunto de procedimentos da história oral, realizei essas entrevistas, transcriei-as e tento, neste momento, fazer algumas análises a partir delas. Destaco três temas: espaços de atuação do negro no futebol, presenciar situação de discriminação racial e representações sociais sobre o negro neste esporte. Ao final, procuro mostrar como a história oral pode contribuir na reflexão das relações raciais no Brasil.

**Palavras-chave:** Negros – futebol – história oral.

**Abstract:** Result of a research that aims to study the blacks in the Brazilian football, between 1970 and 2010, this work brings the visions and the experiences of two white journalists: Juca Kfourri and Celso Unzelte. Using the whole of oral history's procedures, I have done this interviews, passed them from oral to written format and now try to do some analysis from them. I highlight three themes: professional areas for black people in football, witness a racism situation, and social representations about the blacks in this sport. Finally, I try to show how oral history can contribute to the discussion of race relations in Brazil.

**Keywords:** Blacks – football – oral history.

O texto aqui apresentado faz parte do projeto de mestrado intitulado “História oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”, cujo objetivo principal é estudar o negro em suas manifestações sociais no futebol desde a década de 1970 até hoje. Valendo-me dos procedimentos metodológicos da história oral, realizo, gravo e transformo o registro oral em escrito, com o fim de coletar, analisar e relacionar as narrativas entre si e no cotejamento com outras fontes. Foram estipuladas algumas redes de colaboradores, dentre as quais seleciono neste momento a dos jornalistas, pela qual iniciei minha pesquisa e dei sequência nas entrevistas.

Juca Kfourri e Celso Unzelte são dois jornalistas que se destacam dentro do jornalismo esportivo justamente por valorizarem e promoverem, mais do que estatísticas futebolísticas, pesquisas acerca da história do futebol. Isto somado à vivência cotidiana deles no universo deste esporte foram os motivos pelos quais me fizeram contatá-los e solicitá-los uma entrevista. Embora esta pesquisa tenha como eixo as histórias de vida de negros, busca-se,

---

\* Bacharel em Ciências Sociais pela UNESP e mestrando em História Social pela USP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Membro do Núcleo de Estudos em História Oral e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol, ambos vinculados à USP.

também, registrar relatos de pessoas não-negras visando principalmente captar as representações sociais sobre os negros que atuam neste campo profissional.

É claro que, nestes casos, o gênero de história oral adotado é o temático, e, assim, os colaboradores são estimulados a falar sobre a história e memória dos negros no futebol brasileiro, sem deixar obviamente de incitá-los sobre experiências, pensamentos e sentimentos pessoais. Afinal, é nisto que consiste a riqueza da história oral.

Depois dessa breve apresentação, dou informações relevantes sobre as entrevistas. Através do meu professor orientador (José Carlos Sebe Bom Meihy), que indicou e intermediou o contato, cheguei ao meu primeiro colaborador: o jornalista Juca Kfourri. Após alguns e-mails trocados, ele marcou a entrevista para 9 de outubro de 2007 em um dos locais onde trabalha, a Rádio CBN, na cidade de São Paulo. Realizamos a entrevista numa salinha da própria redação. Demonstrando-se interessado sobre o tema suscitado, Juca expressou-se de maneira bem informal, com muitos gestos e tons de voz, por mais de quarenta minutos. Parecendo-me inquieto com seus pensamentos, deixou claro seu posicionamento quanto aos assuntos abordados. O texto transcrito foi conferido e autorizado por ele em 2 de dezembro do mesmo ano.

Dada a dificuldade em contatar as pessoas indicadas por Juca, solicitei por conta própria uma entrevista do jornalista e professor Celso Unzelte, que conheci por meio do grupo Memofut. Por e-mail, combinamos de nos encontrar no final da manhã de 30 de abril de 2008. Realizamos a entrevista em uma sala de aula da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo-SP), onde leciona no curso de jornalismo. Extremamente interessado com qualquer assunto relacionado ao futebol, Celso lembrou-se de muitos momentos em que esteve nas arquibancadas dos estádios para argumentar e dar exemplos dos seus pensamentos e sentimentos. Falou por mais de 70 minutos. O texto transcrito foi conferido e autorizado por ele em 29 de junho de 2008.

A seguir, destaco apenas três temas abordados pelos colaboradores e faço, na sequência, alguns ligeiros comentários.

## **Espaços de atuação do negro no futebol**

Juca Kfourri

Se transportarmos isso [hipocrisia da democracia racial no Brasil] para o futebol, qual é o grande técnico negro da história do futebol brasileiro? Temos o Didi, que

até ficou mais famoso pelo que fez fora, no Peru, do que, propriamente, fez aqui dentro. O Lula Pereira dirá que a vida é dura. No país do futebol, no país em que os grandes atletas do futebol, em sua maioria, são negros, qual é o dirigente importante do futebol brasileiro negro? Não tem nem um. Nenhum! Então, não me venha com essa conversa de que o campo está aberto, porque não está, há segregação. [...] Então, eu diria que o problema é mais grave do que a gente gosta de tratar. [...] Então, eu volto a perguntar:

— Qual foi o grande preparo do Ricardo Teixeira, do Alberto Dualib, do Mustafá Contursi, do...?

Aí, a nossa elite diz:

— Não. Negrão, aqui não. Isto aqui é pra nós. Este lugar é dos brancos. Muito bom no gramado, mas no banco dirigindo meu time ou na sala da presidência da confederação ou do clube não tem lugar pra você, não.

Acredito nisso e acho, claramente, que tem um limite para o negro atuar.

## Celso Unzelte

Vem crescendo a atuação do negro no futebol. Primeiro, teve que conquistar o direito de também jogar. Uma vez que conquistou o direito de também jogar, o negro começou a se destacar. Ele passou a ser valorizado naquela função... Eu acho que o próximo passo é provar que, além de ser jogador de futebol, ele pode ser, por exemplo, um dirigente. Você conta nos dedos os dirigentes negros, e presidentes de clubes importantes, nenhum... Já tem conquistado espaço como árbitro... com o Paulo César, o irmão dele...

Ainda precisa conquistar espaço como técnico. [...] Dá impressão que na hora do comando... né? Na hora de passar o comando efetivamente...

Assim como temos também raros ministros negros. Agora, mais. Mas, durante toda a história deste país, tivemos pouquíssimos dirigentes negros. Tivemos generais negros?... É dentro de todo um contexto. Se você enxergar o futebol jogado, o negro nesse sentido é até privilegiado em relação a outras áreas, mas sempre com essa coisa de ser “instrumento”... Como “instrumento de”. Essa é a grande barreira a ser quebrada! Quer dizer, o negro passar a ser mais do que um “instrumento de”... nesse sentido, ser dirigente, ser técnico, participar efetivamente das decisões do mundo do futebol. É isso que eu acho que está faltando para o negro... Essa é a próxima etapa, a próxima barreira a ser transposta... Ocupar outros espaços que não o espaço de fazedor, de instrumento, de meio... de meio para um fim. A impressão que ao negro é sempre falado assim:

— Limite-se a sua função de driblador, de qualquer coisa... Limite-se a isso! É o bloqueio. Daqui não passa!

No jornalismo esportivo também é muito raro. [...] É raríssimo! Se quase não tem jornalistas negros, como é que a gente pode ver este espaço? Como restritíssimo! Restritíssimo! O negro ainda é a exceção... E não deveria ser num país predominantemente negro. [...] Será possível que não tenha apresentador negro? Apresentadora negra? Repórter de campo negro? Editor negro? Só para ficar na nossa área, só para ficar na área do jornalismo. Está mais uma vez provado que não é só uma coisa do futebol... [...] Neste contexto, é lógico, a reboque o futebol também vai... Locutor de rádio negro? Raríssimos!

Ainda bem que isso está mudando. Hoje, muitos ex-jogadores estão se tornando comentaristas... [...] Quer dizer, aí não há uma discriminação. Acho difícil que alguém pense antes de chamar um ex-jogador pra comentar se ele é negro ou branco. Vai pensar se ele é bom ou não pra comentar... E, às vezes, até se engana.

E também nunca ouvi um comentário racista contra essas pessoas que estão entrando. Mas já ouvi no sentido do cara ser um jornalista ou não, ter a formação pra isso ou não... Essa disputa entre prática e teoria...

[...] Por outro lado, eu acho que nós, como imprensa, somos hipócritas na abordagem do racismo... Justamente, ou por omissão ou por não tocar no assunto, a gente acaba reafirmando o mito de que não existe racismo no futebol. Isso deveria ser encarado de frente... sem medo, sem temores, sem preocupação de ser politicamente correto...

[...] [A imprensa] Peca muito por omissão. Não se fazem matérias sérias voltadas pra essa questão, quando são pertinentes... É só pra fazer sensacionalismo: “Garoto é expulso do clube porque é negro”. Aí a imprensa vai... É debater mesmo essa questão, o que não é feito... Ir além da denúncia. O denunciamento pelo denunciamento não dá mais.

[...] É isso, fazer uma discussão, levantar o tema, trazer à baila. A imprensa faz muito pouco disso e de forma muito esporádica... Então, acho que se omite, sim. A imprensa se omite e, ao se omitir, alimenta a falsa ideia de que não há racismo no futebol. Há racismo no futebol como há racismo em todo lugar! Veja quantos alunos negros eu tenho! Veja quantos professores negros somos! Não é?

## Comentários

Se Juca Kfourri entrou na discussão de outros espaços de atuação do negro no futebol a partir da democracia racial no Brasil, Celso Unzelte chegou ao tema via reflexão da crescente participação desse contingente populacional na história deste esporte. Ambos acreditam que há um limite imposto e constatam que, exceto como jogadores, há pouquíssimos negros nas diversas profissões do universo do futebol: treinador, árbitro, jornalista, mas, principalmente, dirigente. De fato, não se encontra nenhum presidente negro entre os clubes de Série A e B do Campeonato Brasileiro de 2008, o que se coloca como mais um dado para pensarmos como este cargo é reacionário. Infelizmente, isto está presente ao longo da história do nosso futebol e, assim, pode-se enquadrar como um racismo institucionalizado.

Embora os dois jornalistas vejam como diminuta a presença de negros dentro do jornalismo esportivo, não acreditam que este meio é racista. Se a pequena quantidade de negros já é um dado significativo sobre o racismo, mais ainda é a crítica feita por Celso da atuação da imprensa esportiva brasileira na cobertura desses casos no futebol. Se numa antiga entrevista<sup>2</sup>, ele via que o papel na melhoria e na transformação do esporte era a denúncia; neste relato a mim concedido, ele diz que é preciso ir além e fazer uma discussão a respeito para que não se alimente a falsa ideia de que não há racismo no futebol. Mas, nessa discussão, um dado sobre a reação dos jornalistas se mostra notável: tanto Juca como Celso argumentaram ao longo das entrevistas que o futebol apenas reproduz uma realidade racial que está presente em toda a sociedade brasileira. Ficou evidente que ambos se colocaram na posição de defensores deste esporte.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://dominiodabola.wordpress.com/2007/11/18/celso-unzelte-o-louco-por-futebol-parte-2/>. Acesso em: 05/10/2008.

## Presenciar situação de discriminação racial

Juca Kfourri

Eu não posso dizer que tenha presenciado alguma situação de preconceito racial no futebol. Nos grupos que vi mais de perto, como a Democracia Corinthiana, o Sócrates vivia sacaneando o Wladimir, que era um dos líderes, e ele vivia dizendo para o Sócrates que ia acioná-lo e processá-lo pela Lei Afonso Arinos. Não passava de brincadeira porque eles se adoravam. Diria que, nesse particular, os jogadores entre si são muito mais liberais do que, em regra, é a sociedade brasileira. Até por essa convivência forçada, que passa não só pela aceitação do diferente racialmente, como do diferente culturalmente. É só pensarmos o Sócrates, o Doutor, convivendo com o Ataliba, ou o Tostão convivendo lá com o Pedro Paulo, do Cruzeiro. Sócrates e Tostão tinham a compreensão, eram capazes de, digamos, se pôr no nível do cara culturalmente menos favorecido, mas, ao mesmo tempo, tentavam puxá-lo para outras coisas, mostrando a ele que tinha um mundo além do futebol.

Celso Unzelte

Sabe, eu presenciei muitas situações de discriminação racial no futebol. Muitas mesmo! Coletivas... [...] Em 88 os dois times [Corinthians e Palmeiras] jogaram na semana do centenário da abolição da escravidão... [...] E naquela época saiu uma história que a Lei Áurea originariamente teria valido por 100 anos... Era uma história pra brincar com os negros. Era uma brincadeira de mal gosto, mas, enfim, falava-se que a Lei Áurea valia só por 100 anos. E que a escravidão iria voltar no dia seguinte... por lei. Naquele dia, o coro de “silêncio na favela” foi trocado por:

— Ala, ala, ala... silêncio na senzala!

Que eu tenha visto Corinthians e Palmeiras – e vi muitos – foi a única vez em que esse coro foi trocado. E também teve o corinho em cima da história dos 100 anos:

— ão, ão, ão... acabou a abolição!

Como se não houvesse negros palmeirenses também! E não acho difícil que tenham negros palmeirenses gritado isso também pros negros corinthianos. Então, aquilo eu presenciei mesmo. E foi coletivo... Em momentos de derrota, inúmeras vezes...

— Esse negrão entregou o jogo!

Inclusive, dirigentes de futebol! Como o presidente do Vitória, quando o clube foi rebaixado, falando isso pro goleiro Felipe... É aquela coisa de lembrar que o cara é negro na adversidade...

— Só podia ser negro!

Está cheio disso... você tropeça de tantos casos. E não é raro, não!

## Comentários

Este é o ponto mais discrepante nas duas narrativas. Ao contrário de Juca Kfourri, que relatou não ter presenciado situações de discriminação racial no futebol e ainda justificou dizendo que os jogadores entre si são mais liberais do que a sociedade brasileira em virtude da convivência forçada, Celso Unzelte se vale de sua experiência torcedora para afirmar o quanto a discriminação racial e social é comum. De maneira característica e com a alegria e extroversão costumeiras, ele entoou uma série de cantos de torcida e retratou vários diálogos. Fica claro que os dois jornalistas têm uma maneira diferente de encarar tais acontecimentos no futebol. Afinal, qual é o torcedor que nunca ouviu corinhos ou comentários racistas? Não

são poucas as pessoas que encaram com “naturalidade” ou “normalidade” isso. Basta ver as opiniões dos torcedores cariocas publicadas na internet a partir da campanha “Mande um cartão vermelho para o racismo no futebol”.<sup>3</sup>

Juca chegou até a falar em outro trecho que “a leitura não pode ser ao pé da letra” e que “a gente não pode também cair no risco do politicamente correto”, pois, para ele, um negro xingar outra pessoa de “macaco” é igual chamar alguém de “filho da puta”: “É, simplesmente, o xingamento e ponto.”. Celso Unzelte, ao final de sua narrativa, mostrou-se ambíguo com seus pensamentos. Falou que “o futebol tem regras próprias” e que, neste código, é uma “ofensa grave”, por exemplo, as embaixadinhas do Edílson.<sup>4</sup> Discordando dos sociólogos e antropólogos que na época defenderam o atacante, Celso ainda disse que os apelidos dados aos negros (como “Brad Piche”) “estão inseridos nesse contexto do mundo à parte que é o futebol” e, apesar de ser racismo, “é o chamado racismo do ponto de vista acadêmico”. A partir de tais relatos, compactuo com Helal e Gordon Júnior (1999: 16) que aplicaram uma das conclusões de Sansone (2007) ao futebol. Desta maneira, este esporte pode ser caracterizado como uma área “leve” ou “mole” das relações raciais, onde ser negro não constitui empecilho e onde negros e não-negros convivem num clima relativamente livre de tensões raciais. Ainda assim, ambos os jornalistas apresentam uma característica importante do racismo à brasileira: ele se faz mais presente e se mostra mais impetuoso em “momentos de crise” (Juca) e “na adversidade” (Celso).

## **Representações sociais sobre o negro no futebol**

Juca Kfourri

O fato que me parece inegável é que os negros têm uma vocação para a prática esportiva, provavelmente por complexão física, arcada do pé, fibra muscular, enfim, eles parecem melhores que os brancos. O melhor pugilista de todos os tempos é negro, o maior jogador de basquete de todos os tempos é negro, o maior jogador de futebol de todos os tempos é negro e vai por aí. Curiosamente, não se encontra um grande nadador negro, porque para nadar na piscina do clube tal é mais complicado. O mesmo serve para os tenistas. Foram poucos os que ultrapassaram a barreira do esporte branco: Arthur Ashe, as irmãs Williams e não passa disso.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.racismonofutebol.org.br/index.php/Opinioao/Existe-racismo-nos-estadios-cariocas.html>. Acesso em: 29/04/2008.

<sup>4</sup> Fato que gerou uma briga generalizada entre os jogadores de Corinthians e Palmeiras, antecipando o término da partida final do Campeonato Paulista de 1999.

Celso Unzelte

Desde os tempos em que acompanho futebol, sempre vi o negro como o protótipo do bom de bola. Essa é a primeira imagem que me vem do negro quando se trata de futebol... Engraçado! Time que tem pouco negro a gente desconfia. Vejo isso, tenho tido esta experiência nas arquibancadas, com as pessoas cobrando...

[...] O nosso padrão de futebol, aqui no Brasil, está muito calcado em valores como habilidade, malemolência, ginga... né? Inegavelmente, o negro traz de origem valores como esses, os quais você não encontra no branco de uma maneira geral... É engraçado, mas eu tenho mais confiança em um jogador novato negro que chega de um time pequeno pra estourar num time grande do que se ele for branco. Talvez seja também uma espécie de racismo, de preconceito às avessas... ainda que eu seja branco.

### **Comentários**

Mais uma vez, valho-me daquela conclusão de Sansone (2007: 80) para dizer, como podemos ver nas narrativas, que ser negro na prática do futebol traz prestígio, assim como no samba, na capoeira e em rituais religiosos afro-brasileiros. A meu ver, o problema está na maneira como as pessoas expressam suas ideias. Principalmente, se elas não compreendem a diferença entre argumentar com base em aspectos histórico-culturais e em aspectos biológico-raciais. Como bem ponderaram Helal e Gordon Júnior: “A passagem de especificidades culturais (produto da história) para essencializações raciais (inscritas na natureza das coisas e do mundo) é um passo muito curto ao qual sempre devemos estar atentos.” (1999: 19). Afinal, corre-se sempre o risco de cometer os erros silogísticos apontados por Wisnik (2008: 227): de que todos os negros têm capacidade de prontidão nos esportes; de que somente eles detêm tal prontidão; ou, ainda mais grave, de que esta é a única capacidade deles.

### **Considerações finais**

A complexidade dessas discussões assinaladas a respeito da atuação dos negros no futebol brasileiro revela que as entrevistas trazem novas questões e reabrem outras, mostrando olhares diferentes, a atualidade do tema e a sua relevância social. Devido ao curto espaço, destaquei apenas três temas recorrentes em duas das entrevistas realizadas, nas quais os jornalistas Juca Kfoury e Celso Unzelte expuseram seus pensamentos e sentimentos. Por meio das narrativas, intento trabalhar principalmente com as convergências e divergências nos olhares e experiências dos colaboradores, almejando marcar as identidades de cada uma das redes e traçar uma memória coletiva da comunidade estudada.

Sabendo ser este um assunto tão delicado quanto polêmico, tão propositalmente esquecido quanto escancarado cotidianamente, busco fazer história oral por ela permitir não

só trabalhar com um conjunto de elementos subjetivos negligenciados ou relegados a segundo plano pela historiografia, mas, principalmente, por ela registrar histórias e memórias que provavelmente cairiam no esquecimento e valorizá-las como documento central de análise. Mais do que preencher lacunas existentes na literatura acadêmica, que pouco trabalhou com o período em questão, objetiva-se, finalmente, promover uma reflexão acerca das relações raciais na sociedade brasileira à luz do futebol, fenômeno cultural tão caro e praticado neste país.

### **Referências bibliográficas**

- DA MATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GORDON JÚNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, EDUERJ, n. 3/4, p. 65-78, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.
- LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 24, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto de História**, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, n. 14, fev. 1997.
- SANSONE, Livio. **Negritude sem etnicidade**. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.
- SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Peligro de gol**. Buenos Aires: CLACSO, abr. 2000.
- SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça. **Cadernos PAGU**, Campinas, n. 6-7, p. 109-152, 1996.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.